

Dora Kramer*

‘Purgatório da beleza e do caos’

Com toda certeza o ministro da Justiça, Ricardo Lewandowski, um homem de alto saber jurídico, ex-ministro do Supremo Tribunal Federal, não sabe o que é o dia a dia das pessoas numa favela do Rio de Janeiro ou comunidades desassistidas país afora.

Pobre de origem, o presidente Luiz Inácio da Silva, cujas agruras da infância pertencem a outro tempo, também não. A quase totalidade de deputados e senadores tampouco sabe o que é viver refém do crime na porta de casa.

Governadores e prefeitos convivem mais de perto com a tragédia da criminalidade que se espalha pelo Brasil, mas talvez não tenham tempo nem disposição para vivenciar o cotidiano dos cidadãos sitiados em territórios dominados. Ainda que tivessem a atenção ne-

cessária, não poderiam sozinhos dar conta do problema com suas polícias.

Uma vez fui ao complexo da Maré, zona norte do Rio, para conversar com estudantes de segundo grau sobre os anseios profissionais deles. Saindo, pedi para conhecer a comunidade, subir um pouco o morro. Não pude ir porque ouvi chocada com a naturalidade do aviso, que depois das 18h era proibida a circulação de “estranhos”.

Não preciso dizer quem eram os donos do pedaço que ditavam a regra. Um pequeno e até suave exemplo da dominação frente à ameaça permanente de violência em que vivem famílias obrigadas a pagar ao crime os serviços que na zona sul pagamos ao Estado, substituído naquelas áreas pela força do fuzil.

Ela é a lei que ainda impõe aos dominados a regra do silêncio.

A matança que se viu nesta semana no Alemão e na Penha é evidência trágica da falência dos métodos de combate a uma situação que não surgiu da noite para o dia nem nasceu por geração espontânea.

Há 42 anos o Rio vem se tornando, no verso preciso de Fernanda Abreu, o “purgatório da beleza e do caos”. Cartão postal de maravilhas, de inovações culturais, mas também da desgraça que se espalha até a Amazônia num país cuja soberania é solapada pelas facções criminosas, sob o olhar atordoado do Estado.

***Jornalista e comentarista de política**

Vinícius Lummertz*

Quem é conservador no Brasil?

O conservadorismo clássico, como formulou Edmund Burke, é prudência diante da mudança, não medo dela. É a defesa do que deve ser preservado, sem negar a evolução. No Brasil, o conceito foi distorcido. O que se chama de conservadorismo tornou-se resistência à realidade, uma forma de paralisia que atinge tanto a direita quanto a esquerda. Ambas vivem como reflexos da simplista década de 1960, tentando resolver dilemas do século XXI com ideias que já não explicam o presente.

A tragédia recente no Rio de Janeiro, o maior confronto entre forças policiais e o crime organizado da história, revela essa falência intelectual. O país assiste à explosão de uma nova brutalidade social, enquanto o debate público continua aprisionado por velhos discursos. A direita mais extrema enxerga mais o confronto armado e o apelo à força. A esquerda, que se autoproclama progressista, repete que não há criminosos, apenas pessoas sem oportunidade. Essa tese, além de moralmente simplista, é politicamente irresponsável. O crime organizado é uma estrutura de poder e economia paralela, não um fenômeno sentimental. É regime opressor, tal qual o Hamas, com as devidas diferenças. O progressismo brasileiro, em grande parte, ficou nu. Seu discurso humanista foi capturado pelo próprio atraso. É um progressismo reacionário, que evita reconhecer a gravidade do colapso social, preferindo slogans à realidade. O que deveria ser um projeto de futuro tornou-se uma forma de negar o presente.

Raymond Aron advertia que as ideologias são narcóticos da razão. No Brasil, direita e esquerda seguem intoxicadas por ideias mortas. A direita teme o novo porque confunde mudança com perda de autoridade. A esquerda teme a reforma porque teme a liberdade que ela traz. Ambas se defendem da modernização como se a transformação fosse uma ameaça

à própria identidade. O resultado é um país imóvel, que não aprende nem evolui, mesmo diante de suas tragédias. O imobilismo dos modelos mentais é sintoma de uma nação que se habitua ao absurdo e adia o inevitável. E esse imobilismo pode atrasar a oferta de aprendizado que tivemos com o episódio do Rio. O conflito, em vez de gerar reflexão e reforma, corre o risco de ser desperdiçado como mais um alerta ignorado do apodrecimento do país.

Em The Tipping Point (O Ponto de Virada), Malcolm Gladwell descreve como o comportamento coletivo muda quando a soma das pequenas desordens ultrapassa um limite invisível. Ele lembra o caso de Bernhard Goetz, que em 1984 atirou em quatro jovens no metrô de Nova York após uma tentativa de assalto. Para Gladwell, o episódio simbolizou o ponto de inflexão psicológico de uma cidade dominada pelo medo e pela impunidade. O crime, ele explica, se comporta como uma epidemia social: cresce quando o contexto o permite. Foi a partir dessa ideia que Nova York adotou a política de tolerância zero, baseada na teoria das janelas quebradas, segundo a qual pequenas desordens geram grandes crimes se o ambiente as tolera. O Brasil vive hoje o oposto dessa experiência. Em vez de reagir ao caos, o normalizamos. Quando a desordem se torna rotina, a decadência se institucionaliza. O nosso caso vai muito além do caso de NY; o nosso é único, escabroso, e pior do mundo. Como vamos deixar crescer e normalizar?

A esquerda brasileira, especialmente, tornou-se refém do seu conservadorismo econômico e moral. Mantém juros estratosféricos, impostos que sufocam a produção e burocracias que impedem o crescimento, tudo em nome de uma suposta justiça social que nunca chega. Empresas pagam 25% ao ano para financiar o investimento, e os juros do consumo ultrapassam 300%. É um modelo que protege o sistema

financeiro, não o povo. Ao resistir à modernização, o PT tornou-se aquilo que dizia combater: um partido conservador, moralista e paralisante. Norberto Bobbio lembrava que a distinção entre direita e esquerda é a atitude diante da desigualdade. No Brasil, essa fronteira se dissolveu. O reacionário de direita e o dogmático de esquerda se encontram no mesmo ponto: o da negação da realidade. Um confunde moral com salvação; o outro, discurso com virtude. Ambos atrasam as soluções concretas que o país precisa.

O verdadeiro conservadorismo é o que protege o essencial para que o novo floresça. Roger Scruton dizia que conservar é amar. É preciso conservar o que dá coesão, mas ousar mudar o que mantém o país no atraso. O Brasil precisa de uma nova mentalidade, moderna e pragmática, capaz de enfrentar a brutalidade social com ordem, eficiência, segurança e liberdade. Este seria o verdadeiro ponto de virada nacional: a superação do imobilismo moral e intelectual que bloqueia o avanço.

Mas talvez a disputa política e o nosso tipo de jornalismo ajudam pouco para que esse debate aconteça com a profundidade necessária. Em vez de aproveitar o momento para aumentar os níveis de consciência, transformamos cada tragédia em palco de discursos automáticos e narrativas repetidas. Quanto mais tarde o país sentar-se para conversar com lucidez sobre o que está acontecendo, pior será. O Brasil está no seu ponto de virada, seu “tipping point”. Resta saber se reagirá antes que a decadência se torne irreversível ou muito mais cara e violenta para resolver. O fato é que a Nação está sendo humilhada, mas muitos querem fingir que não.

***Vinícius Lummertz, cientista político, foi ministro do Turismo, secretário de Turismo de São Paulo, presidente da Embratur e é Senior Fellow do Milken Institute (EUA).**

EDITORIAL

Em memória àqueles que se foram

Neste domingo, dia 2 de novembro é o Dia de Finados, data agendada para prestar homenagens e celebrar a vida daqueles que já se foram. Feriado nacional no Brasil, a data tende a ser esquecida e tratada como mais um dia qualquer. Mas ela evidencia como é necessário preservar a memória de familiares, amigos, conhecidos, entes queridos, animais de estimação e toda vida que fora importante em nossas vidas.

Em 2017, o estúdio de filmes de animação Disney/Pixar lançou o filme “Coco” (que foi traduzido para o Brasil como “Viva – A vida é uma Festa”), que conta a história de um menino mexicano que no Dia dos Mortos é acidentalmente conduzido para o mundo dos falecidos e precisa passar por uma jornada pela história e narrativa de sua família e seus antepassados para conseguir voltar para casa. O filme, narrado de maneira leve, adorável e um tanto romantizada, usa como pano de fundo a importância de manter a memória viva daqueles que já se foram. A história é clara de que, mesmo no mundo dos mortos (além do plano físico, indo exclusivamente para o mundo espiritual), uma pessoa

(ou melhor, a alma dessa pessoa) apenas morre quando é esquecida pelos demais que estão no plano físico.

A mesma lógica de preservar a memória daqueles que se foram também é constantemente adotada na história. Quando uma nação não conhece a própria história, a tendência é repeti-la. Se a memória não for preservada, a história se repete, para o “bem” ou para o “mal”. Para muito além da idealização hollywoodiana de uma história de amor familiar, o mundo real também mostra que a memória precisa permanecer viva. Um exemplo é a Alemanha que – após o horrível período de trevas que foi o Holocausto somado aos terríveis discursos de supremacia racial durante a Segunda Guerra Mundial –, mantém e enfatiza sua política de veemente negação do nazismo, firmando um compromisso de nunca esquecer o que foi feito contra os judeus negros, homossexuais e comunistas na Europa.

Que nesse dia de Finados possamos relembrar o respeito às almas daqueles que se foram, preservar não apenas seus nomes na memória, mas suas histórias, independente de quem sejam.

Clima mundial precisa ser prioridade

Novembro está quase chegando e o mês de outubro vai terminar com uma frente fria extremamente incomum para a época. A essa altura do campeonato, em condições normais, o famoso calorão brasileiro já estaria batendo à porta. Porém, nos últimos anos, vem ficando cada vez mais difícil definir exatamente as quatro estações do ano.

É isso que impacto das mudanças climáticas. Há muitos anos, quando se falava em “aquecimento global”, as pessoas idealizavam um mundo cada vez mais quente. No entanto, esse conceito já se mostrou impreciso, porque um dos grandes sintomas da urgência climática é justamente o extremo de temperaturas. Por exemplo, o Brasil tem vivido pouquíssimas épocas de temperaturas amenas. Ou está muito quente ou está muito frio. Parece não haver meio termo.

Ao mesmo tempo, catástrofes naturais parecem aumentar anualmente. E a tendência é piorar.

O Brasil e o mundo têm uma chance de ouro no próximo mês, com a vinda da COP30 para Belém. É a oportunidade que as lideranças do mundo terão para tentarem convencer as outras a investirem muito no combate às mudanças climáticas.

É uma causa urgente que não mais afetará “apenas” as futuras gerações. Quem estiver vivo pelos próximos 10 ou 15 anos já sentirá um impacto ainda mais brusco que o atual.

Se medidas de combate não forem tomadas e cumpridas à risca - diferentemente do “Acordo de Paris”, que foi violado incontáveis vezes na última década -, a humanidade caminha para um futuro em que a existência na Terra se tornará insustentável.

Opinião do leitor

Exemplos de Issac

Deus guarde Issac com as belezas da vida que ele sonhava em viver exemplos que plantou serão marcas nos corações jovens a fidalguia de Issac iluminará Brasília as brincadeiras com amigos da quadra e do colégio serão guardadas em sorrisos permanentes no céu tornou-se a alma feliz da juventude representada por ele com amor.

*cVicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal*

Aristóteles Drummond

Um grande democrata português

Francisco Balsemão foi, sem a menor dúvida, um dos dez portugueses mais relevantes da segunda metade do século XX. E por tal, agora, ao morrer aos 88 anos, foi alvo de elogios de todos os segmentos do pensamento português.

Um dos elogios veio do intelectual e diplomata Francisco Seixas da Costa, que acentuou o respeito que ele fez por merecer não só pelos companheiros de ideias, mas também daqueles que pensavam de maneira diferente.

Balsemão entrou na política como deputado ainda no final do regime salazarista, liderando um movimento que juntou meia dúzia de personalidades que entraram para a histó-

ria, como Sá Carneiro, na defesa da abertura democrática, já em lento andamento.

Após o 25 de abril, ao perceber que o movimento foi desvirtuado pela forte influência comunista, foi juntar-se à esquerda democrática, que tinha como referência Mário Soares, e chegou a ocupar o cargo de primeiro-ministro.

Como empresário e jornalista, fundou o primeiro semanário moderno português, Expresso, que alinhou as classes médias do país pela transição do regime. Depois, o jornal se tornou carro-chefe de uma série de publicações e, por fim, a criação da primeira televisão privada, consolidada, inclusive, com acordo

operacional com a Globo do Brasil.

Balsemão foi o último dos moicanos. Uma geração cujas atividades profissionais ou empresariais não interferiam no idealismo e no patriotismo.

Portugal perdeu um grande filho, cujo exemplo pode ajudar na volta de uma elite de qualidade à vida pública.

O impacto da morte, as exéquias reunindo o que existe de melhor no país confirmam sua relevância, coroada pela desambição pessoal.

Não quiz carreira na política, onde cumpriu um dever e uma missão.

Este tipo de patriota é que anda fazendo falta aqui e lá.

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: JUNTA REVOGA EMISSÃO DO BANCO DO BRASIL

As principais notícias do Correio da Manhã em 31 de outubro de 1930 foram: Getúlio Vargas chega a São Paulo e já se prepara a vir ao

Rio de Janeiro. Junta Governativa resolve revogar autorização dada ao Banco do Brasil pelo governo depositado para fazer uma emissão de até 300

mil contos de réis. Civismo de Minas Gerais fez o movimento revolucionário se expandir no estado. A explosão do movimento no Norte.

HÁ 75 ANOS: ESPECULA-SE QUE DALAI LAMA PEDIU ASILO À ÍNDIA

As principais notícias do Correio da Manhã em 31 de outubro de 1950 foram: Luta intensa agora acontece na Coreia do Norte. Me-

lhora a situação em Indochina. Especula-se que Dalai Lama teria pedido asilo à Índia. Vargas pode mesmo ser o “pai” que promete ser aos po-

bres? Senado aprova a prorrogação da Lei do Inquilinato. Força federal permanecerá em Alagoas. Marcha da eleição não terminou nos estados.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)

Paulo Bittencourt (1929-1963)

Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)

patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)

redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-202

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.